

BRIGIDA BALTAR

A coleta
da neblina,
1998

No caminho havia uma pedra e a artista a transformou em poesia. A obra dela é parte dos projetos Solo da Est Art Fair.

POR LEANDRO FAZOLLA

Arabescos similares aos usados em papéis de parede, brocados ou tapetes se propagam, em cor avermelhada, pelo chão do espaço expositivo. Aqui ou ali, nota-se uma pequena falha em parte ou outra da malha de desenhos uniformes. Ao se aproximar e se deter aos desenhos em um olhar mais atento, percebe-se que são feitos apenas de pó. Pó de tijolo. Ao fim da exposição, o pó é recolhido e a obra deixa de existir enquanto forma física, voltando à condição de pura matéria e apenas registro.

A delicada obra, intitulada *Canto Brocado*, é criação da artista Brigida Baltar e, sob curadoria de Moacir dos Anjos, compôs recentemente o projeto solo da *Est Art Fair*, feira de arte contemporânea em Portugal. O trabalho faz parte de uma série iniciada nos anos 1990, na qual a artista utiliza como matéria-prima tijolos retirados das paredes de sua própria casa/ateliê. Matéria sólida, rígida e estrutural, os tijolos são convertidos em elemento fluido de composição poética, com os quais Brigida cria ações que envolvem e reconfiguram o espaço à sua volta, como quebrar sua própria silhueta na parede e ali se abrigar ou erigir uma torre em torno de si mesma.

Enquanto a força e a diversidade da matéria ficam explícitas nessas obras, encontra-se também presente na trajetória da artista a evocação do imaterial. Em seu projeto das *Coletas*, Brigida visitou praias, montanhas e florestas munida de frascos transparentes e empenhada na captura de neblina, maresia e orvalho. Em imagens que despertam a tensão entre o ver e o não ver, Baltar se incumbe da tarefa (impossível) de capturar o impalpável, a efemeridade do tempo presente, ação empreendida ao longo de toda uma década.

*A coleta
da neblina,
2002*





Abrigo,
1996

Ainda que timidamente, já é possível notar no entremeio de tais obras aspectos fabulares e simbólicos que viriam a se adensar posteriormente: de maneira inquietante, a teatralidade e a narrativa ganharam força em trabalhos atuais. Passeando por diversos suportes – desenhos, esculturas, fotografias, vídeos, instalações – Brigida narra historietas, contos sempre abertos, muitas vezes oníricos, fundando um universo de encantamento habitado por seres imaginários e objetos singelos que flertam com o surreal. “Acho que todo artista é mesmo surreal, porque está em um processo de invenção das coisas”, diz ela.

Esse processo de invenção muitas vezes serve como propulsor para dar corpo, peso e uma densidade quase palpável ao vazio evocado por vezes na produção de Brigida. Como a maestrina rege um coral de cantores invisíveis em seu filme *Voar*, a artista reivindica a ausência não para alçá-la por si só ao *status* de obra, mas para orquestrá-la como matéria rígida vertida em pura fluidez, compô-la pelas margens da mesma maneira que preenche o buraco na parede com seu próprio corpo de artista, convertendo a si mesma em pura estrutura de criação e matéria subjetiva.

“Se a força e a diversidade da matéria ficam explícitas em certas obras, outras evocam o imaterial.”



Sem título, 2011




Detalhe
Canto Brocado,
2007

PÓ DE CASA

POR MOACIR DOS ANJOS

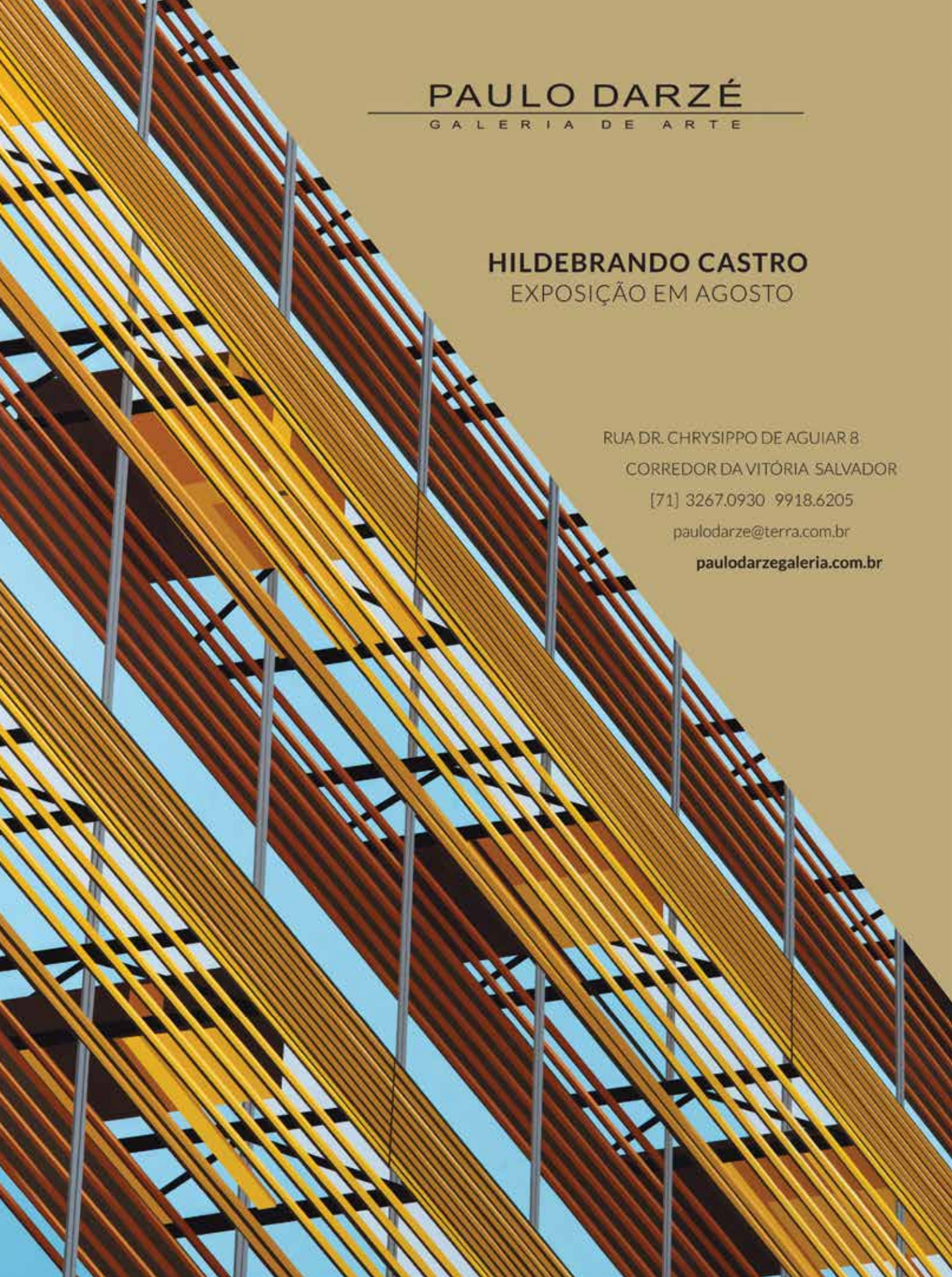
Por quase dez anos, Brigida Baltar fez pequenas ações de armazenamento poético de substâncias domésticas, tais como gotas de chuva que caem por sutis frestas de telhados, ou o pó vermelho desprendido dos tijolos que formavam as paredes da casa que era lugar de trabalho e moradia. Algumas vezes, o acaso do tempo lhe oferecia essas matérias; em outras, buscava-as de modo ativo. Sem finalidade precisa, esses gestos traziam, em potência, a locução simbólica, em meios diversos (esculturas, desenhos, vídeos, fotografias), daquilo que é quase sempre visto como substância amorfa e sem vida. [...] Em 2005, antes de se mudar para outro lugar, a artista acumulou quantidade grande do pó fino de que eram feitos os tijolos duros. Dessa substância, fez trabalhos diversos, estendendo a duração de um tempo passado e a dimensão de um espaço que era antes de tudo abrigo.

Vários desses trabalhos são desenhos de montanhas e florestas do Rio de Janeiro, cidade em que reside. O fato de serem feitos com o pó dos tijolos da casa onde morou faz dessas imagens, porém, menos descrições apuradas de elevações e de matas, e mais a afirmação de um lugar de convívio [...].

Brigida Baltar produz ainda, da fluida matéria que usa, tijolos e tacos em miniatura, com os quais constrói pequenas paredes e pisos que podem ser transportados de um a outro canto. Em vez de ruínas guardadas, o pó evoca, feito de novo objeto sólido, elementos arquitetônicos que constituem qualquer moradia. Torna móvel, assim, aquilo que representava a casa de onde havia partido, um lugar inscrito em uma territorialidade específica. Sem retirar dessa substância sua associação com um espaço que delimita – mas também projeta – uma história privada de vida, a artista lhe concede um sentido celebratório e público, liberto de nostalgia. 

Trecho de texto redigido por ocasião da mostra Pó de Casa na Galeria Nara Roesler

@ Mais obras da artista e texto do curador na íntegra em dasartes.com.br



PAULO DARZÉ

G A L E R I A D E A R T E

HILDEBRANDO CASTRO

EXPOSIÇÃO EM AGOSTO

RUA DR. CHRYSIPPO DE AGUIAR 8

CORREDOR DA VITÓRIA SALVADOR

[71] 3267.0930 9918.6205

paulodarze@terra.com.br

paulodarzegaleria.com.br